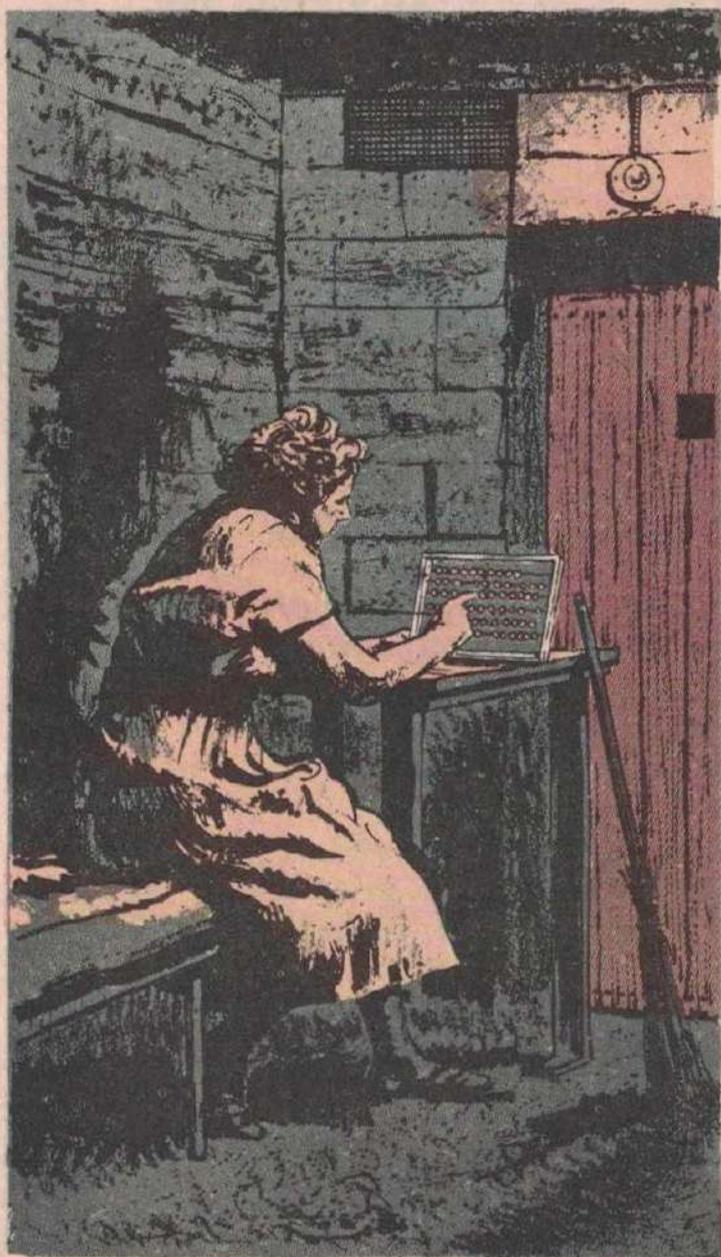


Sete Anos de Solidão

Edith Bone

Baseado no livro
"Seven Years Solitary"



Como uma inglesa de 61 anos venceu o tempo e a solidão numa prisão dos vermelhos na Hungria

O ÚMIDO e malcheiroso buraco subterrâneo que me deram como prisão solitária naquele dezembro de 1950, em Budapeste, mais parecia uma masmorra medieval do que uma prisão moderna. Eu sabia que tinha tôdas as perspectivas de ali terminar meus dias. Embora fôsse súdita britânica, já passara 14 meses como prisioneira da AVO (Polícia Secreta Húngara) numa tentativa de me fazerem admitir a falsa acusação de que eu tinha sido agente secreta inglesa. Depois do meu "julgamento", conduziram-me por uma escada de ferro em espiral para aquela masmorra infecta.

O chão era um lamaçal horroroso, imundo e fétido. A cela era escura e não tinha aquecimento. Media uns três metros quadrados e destinava-se a duas pessoas, mas eu estava sòzinha dentro dela. O rebôco do teto caía esfarelado; teias de aranha pendiam em festões. Uma parede estava coberta de bolor e da outra escorria água, que se transformava numa

fina camada de gelo. Minha cama estava prêsa a essa parede e eu não podia afastá-la.

Se essa cela era tudo o que restava para o futuro, eu teria de recorrer às minhas reservas de 61 anos de vida pregressa. Tinha que usar todos os meus recursos para fazer com que ainda valesse a pena viver os anos que faltavam. Creio poder anunciar que nesse ponto fui bem sucedida. Embora não desejasse repetir a experiência, ela me fêz compreender quanto uma pessoa pode fazer quando tem de depender inteiramente de seus próprios recursos. Desde o princípio considereí aquilo um desafio. Instalei-me como se tivesse diante de mim o resto de minha vida com uma só companhia—meu espírito.

Um hábito mental que parece inato em mim muito me valeu durante os meus sete anos de solitária. Não me lembro de ter jamais esperado em algum lugar—nem mesmo por um trem ou no consultório de um dentista—sem alguma atividade mental ou física. E na minha cela escura eu estava emancipada da pressão do tempo; não era mais preciso olhar o



DR.^a EDITH BONE, de origem húngara, serviu como cirurgiã com as fôrças austro-húngaras durante a Primeira Guerra Mundial. Em janeiro de 1919 foi a Moscou com uma delegação da Cruz-Vermelha, e durante a guerra civil russa converteu-se ao comunismo. Trinta anos depois, entretanto, abandonou o Partido, por achar que as promessas do comunismo não haviam sido cumpridas. Suspeita de infidelidade, foi prêsa pelos comunistas durante uma visita à Hungria em 1949 e condenada a 15 anos de prisão por espionagem.

relógio, não era mais preciso correr para atender a compromissos. Tive, assim, a primeira oportunidade, em muitos anos, de recapitular e digerir tudo que aprendera durante êsses anos.

Comecei recitando poesia, depois traduzi poemas de uma língua para outra. Descobri que as rimas me vinham com facilidade, e daí a compor versos de pé quebrado foi apenas um passo. Privada de atividade física por causa do horror de pisar na imundície do chão, eu começava a cansar-me de um regime mental exclusivamente de poesia quando, nove dias depois, fui transferida para outra cela. Ali iria eu ficar em completo isolamento até ser removida para uma prisão fora de Budapeste, em maio de 1954.

Essa nova cela, embora ainda totalmente às escuras, era comparativamente um hotel de luxo. Ficava no andar térreo em vez do subsolo e a cama tinha um colchão de palha. Embora a cela medisse apenas 1,50 x 3,00 m, havia um estreito e profundo sulco no cimento, feito por inúmeros pés que haviam caminhado ali interminavelmente de um lado para outro. Com o tempo, comecei a fazer a mesma coisa.

Na imaginação eu percorria as ruas de tôdas as grandes cidades da Europa onde vivera; recordava seus rios, seus edifícios, seus monumentos. Com tôda a naturalidade comecei a visitar meus amigos e conhecidos nessas cidades e, como sou tagarela por natureza, essas visitas eram mui-

to reais. Não havia, pois, falta de companhia, embora fôsse apenas na minha imaginação.

Resolvi então regressar a pé, na imaginação, à Inglaterra, medindo distâncias pelo comprimento da parede. Eu conhecia bem o caminho. Andava uma determinada distância cada dia, anotando mentalmente o lugar a que chegara. Não tardei a cruzar a fronteira húngara. Passei um dia em Viena, depois subi as montanhas de Vorarlberg e cheguei à Suíça. Seguindo pelas províncias orientais da França, acabei chegando a Paris e daí a Calais, onde havia apenas o Canal da Mancha entre mim e a Inglaterra.

Tudo isso, naturalmente, só era possível se eu pudesse manter assentamentos das distâncias que percorria. Usando como medida o meu palmo, que sabia ser de 20 centímetros, descobri que, andando uma vez de um lado ao outro da minha cela, levando em conta também o esforço necessário para dar uma volta completa do corpo duas vezes, e fazer uma volta em ângulo reto duas vezes, a fim de incluir tanto a largura como o comprimento da cela, tudo isso equivalia exatamente a dez metros andados. Assim, 100 voltas completas na cela perfaziam um quilômetro.

Usei primeiro os dedos para contar os quilômetros, mas perdia a conta cada vez que era interrompida pelos guardas. Fiz então 30 bolinhas de pão, dez pequenas, dez médias e dez grandes. Cada vez que passava pela mesa ao pé de minha cama,

pousava nela uma bolinha; depois de depositar tôdas as bolas pequenas, apanhava-as tôdas, punha em seu lugar uma de tamanho médio e começava tudo de novo. Quando completava dez bolinhas de tamanho médio, substituía-as por uma grande. Mesmo no escuro eu conseguia tomar nota das distâncias percorridas. Meu primeiro objetivo foi de oito quilômetros por dia, mas depois apressei o passo e cheguei a percorrer até 30 quilômetros diários.

Um dia, após mais de cinco meses de escuridão, a luz elétrica, que antes só era acesa nas refeições, foi deixada acesa depois do café. Supus que o guarda tivesse esquecido de apagá-la, mas ao almoço deixou-a também acesa. Fôra-me retirado o pêso da escuridão. Estou convencida de que essa concessão e o tratamento relativamente suave que me foi dispensado (suavê aos olhos dêles) resultaram de investigações que, de quando em quando, as autoridades inglêsas faziam a meu respeito.

Agora que tinha luz, poderia elaborar melhores processos para as minhas contas. A coisa óbvia a fazer era substituir as bolinhas por um ábaco, ou quadro de contar. O único material de que eu dispunha era o pão prêto que recebia, mas não podia comer. Mal amassada, sem fermento e quase crua, a massa pegajosa, depois de tratamento adequado, endurecia e transformava-se em coisa muito semelhante a matéria plástica.

Levei meses para solucionar o problema de usá-lo de maneira a que as

“contas” deslizassem facilmente pelos “arames” do meu ábaco—grossos fios de piaçaba da minha vassoura. Depois de várias tentativas para fazer boas “contas”, eu afinal fiz um fio de contas de cêrca de três milímetros de diâmetro, cortei-o em pedaços de igual comprimento e depois enrolei cada pedaço numa argola em volta do fio de piaçaba. As pequenas caudas dessas argolas serviam como pêso para mantê-las no lugar. Fiz também a armação do ábaco com o pão e a ela adaptei seis palhas, cada uma com dez argolas. A primeira fila representava unidades; a segunda, dezenas; a terceira, centenas; e assim por diante, até à sexta fila, que representava centenas de milhares. Assim, com meu ábaco primitivo eu podia calcular até um milhão. As dificuldades que encontrei nessa tarefa simples inspiraram-me um profundo respeito pelos que concebem e fabricam os intrincados instrumentos que a humanidade usa.

Antes de pensar em fazer o ábaco, eu tentara fazer um levantamento do meu vocabulário nos seis idiomas que falo, mas falhei porque sempre perdia a conta. Com o ábaco resolvi êsse problema; no fim pude enumerar 27.369 palavras inglêsas e um total, em tôdas as línguas, de perto de 100.000. Naturalmente, podiam-se fazer inúmeros outros inventários. Quantos pássaros eu podia citar? Quantas árvores? Quantas flôres? Quantas marcas de carros? Quantos vinhos? Quantos personagens dos romances de Dickens?

Tendo-me tornado perita em pão, resolvi fazer algumas letras, já que não tinha material para escrever. Comecei calculando a freqüência relativa das letras em inglês. Fiz isso recitando um longo poema e marcando no meu ábaco todos os *es* e todos os *as* e assim por diante, com tôdas as vogais e, depois, com tôdas as consoantes. Essa pesquisa era necessária para completar o número certo de cada letra; em inglês, por exemplo, é preciso um número muito maior de *es* do que de qualquer outra letra; e uma série de *ys*—raro na maioria das outras línguas.

Comecei em seguida a modelar letras de cêrca de um centímetro de altura, com rolos de miolo de pão, compridos e muito finos. Finalmente fiz cêrca de 4.000. Para mantê-los devidamente separados, fiz uma espécie de caixa de compositor. Utilizei 12 tiras de pão, colocadas seis num sentido e seis no outro, com separações que formavam uma espécie de grade—exatamente como se fazem caixas de madeira com divisões—e coloquei tudo isso num fundo raso de pão. Como isso só me proporcionava 25 compartimentos, guardei a 26.^a letra num pratinho que fiz também de pão.

Assim eu podia colocar sôbre a mesa 16 versos de cada vez. Era muito divertido, e espantou os guardas. Talvez nunca tivessem visto uma prisioneira tão constantemente ativa.

Os guardas tinham muito cuidado em impedir que eu soubesse o que se

passava fora de minha cela. Naturalmente, embora meu interêsse fôsse muito moderado, resolvi furar a porta para fazer uma vigia pela qual pudesse olhar para fora, tal como os guardas podiam olhar para dentro pela sua vigia, que é uma característica de tôdas as portas de prisão.

É estranho o número de detalhes que uma pessoa pode ver quando não tem outra coisa a fazer senão olhar. Minha porta era de carvalho maciço e tinha cinco centímetros de espessura. Notei que perto do chão se projetava a cabeça de um grande prego, a cêrca de três milímetros da porta. Foi quanto bastou para que eu procurasse alcançá-lo com uma espécie de alavanca feita de corda e arrancá-lo. Mas como arranjar uma corda forte? Os guardas eram avessos ao menor pedaço de cordão, provavelmente por causa de seu mêdo ilógico de suicídios entre os presos. Cheguei à conclusão de que era possível fazer uma corda com fios arrancados das grosseiras toalhas de linho, que tinham duas listas vermelhas de cada lado, no sentido do comprimento. Achei que, se puxasse um fio branco de cada lado dessas tiras vermelhas, a falta dificilmente seria notada.

As toalhas eram mudadas de 15 em 15 dias, e eu levei cêrca de dois meses para arranjar os 32 fios necessários para com êles trançar uma corda. Anos antes, como passatempo, eu tinha estudado um livro sôbre cordas e nós, e o passatempo agora me ajudava. Trancei uma gaxeta na qual os 32 fios são divididos em qua-

tro grupos de oito fios cada um. Naturalmente, essa trança só podia ser feita à noite, debaixo do cobertor, e isso levava muito tempo e atrapalhava muito. Eu sentia nos dedos uma câibra dolorosa devido aos movimentos complexos de manter os fios apertados e ao mesmo tempo suportar o pêsso do meu grosseiro cobertor de xairol.

Finalmente a corda ficou pronta. Pus um nó corredio em tôrno da cabeça do prego e, com os pés de encontro à porta, puxei com tôdas as minhas fôrças. O prego não se moveu. Percebi que teria de ser primeiro afrouxado com sacudidelas. Durante muito tempo não consegui nada. Afinal, um dia, senti um ligeiro movimento; continuei então sacudindo e puxando dia após dia, durante muitas semanas, cada vez que julgava seguro fazê-lo. Por fim, consegui arrancar o prego e presenteei-me, na imaginação, com uma coroa de louros.

Agucei a ponta do prego esfregando-o no chão de cimento. O resultado foi uma sovela com a qual comecei a furar um buraco na porta, num ponto de junção de três peças de sólido carvalho. Não podia de modo algum deixar cair fragmentos de madeira do lado de fora, por isso os ia sugando à medida que minha sovela os desprendia. Felizmente, o carvalho estava tão enegrecido pelo tempo que tinha exatamente a côr de meu pão prêto de prêso. Assim, quando ficou pronto o pequeno buraco, êle podia ser vedado com um

minúsculo tampão, combinando tão perfeitamente com a madeira que nunca foi descoberto. Enquanto não fui transferida para outra prisão, utilizei constantemente essa vigia. Essas realizações cuidadosamente alcançadas me agradavam muito, porque eram vitórias do espírito sôbre a matéria.

Finalmente iniciei uma "greve da linguagem", como uma espécie de experiência psicológica. Não fazia exigências; dizia apenas, em tôdas as línguas que conhecia, exceto o húngaro, que daí por diante não estava disposta a falar senão em línguas civilizadas. Ao cabo de quatro meses, isso preocupou tanto o diretor da prisão que êle comunicou o fato aos seus superiores. Essa comunicação, por sua vez, provocou uma visita de um oficial do quartel-general, e daí por diante, com grande surprêsa minha, a situação se modificou favoravelmente e de maneira inteiramente inexplicável.

O dia 27 de janeiro de 1952 foi um dia memorável para mim. Restituíram-me os óculos e deram-me material de escrita e o direito de usar a biblioteca da prisão. Êsse dia marcou o fim de minha luta desarmada contra a solidão. Daí por diante tive livros à minha disposição, e, desde que aprendi a ler, os livros sempre

foram os meus melhores amigos e aliados.

Iriam passar-se ainda mais quatro anos de prisão. Mergulhei no estudo da Trigonometria e da Geometria Analítica; aprendi Grego sòzinha. Ao cabo de algum tempo, eu podia ler a *Iliada* com prazer e calcular a altura do muro da prisão. Estando os livros da biblioteca em condições horríveis, impus-me a tarefa de consertá-los. A princípio usei batatas cozidas, depois a pasta de semolina, que era indigesta, mas quase perfeita como grude. Com tudo isso e o determinado número de quilômetros percorridos todos os dias, eu me mantinha bastante ocupada.

Em 23 de outubro de 1956 dei entrada na Prisão Central de Budapeste. Ouvimos rajadas de metralhadoras na cidade e soubemos que os estudantes universitários estavam em revolta contra o regime. Não tardei a ser libertada pelos insurretos e levada para a Legação Inglesa.

De volta à Inglaterra, enfrentei a vida de novo, aos 68 anos, talvez com um pouco mais de sabedoria. Aquêles sete anos de cativoiro tinham-me provado finalmente que, numa batalha contra a fôrça bruta, nem sempre era a fôrça bruta que vencia, e que a batalha valia bem a pena ser travada.



Ouvido de Passagem

MOCINHA calada ao seu companheiro tagarela:—Falando assim você perde um bocado do que há de melhor para ouvir.

—B. A. M.